



PUC

RIO

PIBIC 05/06

Departamento: SOCIOLOGIA E POLÍTICA
Aluno(a) Arthur Derenusson Kowarski
Orientador(a): Sonia Maria Giacomini
Co-orientadora: Santuza Cambraia Naves
Título do Projeto: Contracultura

CONTRACULTURA

Introdução

Este projeto busca estudar a Contracultura, em especial de como esta foi assimilada no Brasil, durante final da década de 60 e início dos anos 70. A Contracultura foi um movimento de contestação de valores, com manifestações artísticas na música, na poesia e literatura e também no cinema, apoiadas num ideário no qual estavam na agenda novas formas de vida, rejeição a valores da sociedade industrial e novas experiências sensoriais por meio de drogas psico-ativas. Por isso, procuramos estudar o ideário contracultural, do qual irradiava essas novas idéias contestatórias, diferente do ideário radical de cunho marxista. Por outro lado, fomos também pesquisar as manifestações estéticas contraculturais, buscando um nexo do ideário com as obras.

Também procuramos encaixar a Contracultura no Brasil no contexto do Brasil do Regime Militar, da época de vigência do AI5 e do auge do chamado “Milagre Econômico”, de crescimento econômico, ampliação do mercado de bens de consumo e fechamento do espaço público em função da censura e das perseguições feitas pelos regimes a seus opositores.

Objetivos

Fazer um paralelo entre a Contracultura no Brasil e nos EUA, e ver como idéias de lá foram aqui incorporadas. Por isso, buscamos estudar autores influentes como Marcuse e Roszak, assim como o guru do LSD Timothy Leary, que pôs a questão das drogas psico-ativas como meios de “expansão da consciência”.

Metodologia

Em nossa pesquisa, fizemos pesquisa bibliográfica, como também pesquisa musical e cinematográfica.

Conclusões

Em *Eros e Civilização*, Marcuse discorre sobre a incompatibilidade perene, nas sociedades humanas desenvolvidas, em especial nas sociedades capitalistas, entre civilização, conceito que compreende o mundo do trabalho, e o prazer e felicidade individual. Pergunta se é possível uma civilização não-repressiva, na qual as categorias freudianas de Princípio do Prazer e Princípio de Realidade não estejam em conflito. Com isso, quer uma abordagem filosófica do pensamento de Freud, assim como sociológica.

Segundo Marcuse pode se ler em Freud a história do homem como a história da repressão de sua libido, na qual a civilização surge com a recusa parcial, pelos indivíduos, de suas pulsões

primárias. Que se reflete na tensão entre o Princípio do Prazer e o Princípio de Realidade, assim como os conflitos entre o inconsciente e o consciente. Da mesma forma, no plano simbólico, entre a mente racional e a fantasia. O PR está relacionado ao mundo do trabalho, e com o desenvolvimento da civilização tende a tolher o PP. Por isso, Marcuse aponta para a valorização da memória, uma vez que esta liga o inconsciente com o consciente. Por outro lado, o superego é a esfera psíquica que ajuda na aceitação do estado de não-liberdade – no qual há identificação com alguma figura de autoridade que representa a interiorização das premissas do mundo do trabalho.

Defende a necessidade de historização do processo de repressão, pois o PR muda de acordo com o tempo e não é o mesmo nas diversas sociedades humanas. Por isso lança mão do conceito de Princípio de Desempenho, que é a forma histórica do PR num determinado momento. Usa este conceito para argumentar que o PD é maior nas sociedades industrial e pós-industrial, nas quais há uma mobilização total dos indivíduos para a esfera produtiva. Há, então, uma relação direta entre o PD e a organização do mundo do trabalho e o quanto se mobiliza dos indivíduos psiquicamente para que ele se reproduza. Além disso, na Era Industrial haveria uma maior canalização das pulsões primárias para a genitalidade e para a sexualidade monogâmica, com fins de procriação, dando-se, assim, o conflito entre sexualidade (que também é polimórfica) e civilização. O que também gera alienação e transferência libidinal para trabalho socialmente útil.

Psicanálise individual também é coletiva e ligação dos impulsos imemoriais com a herança arcaica da civilização é feita pelo autor. Tais como o mito da horda patriarcal e o do pai tirano monopolizador de mulheres e o assassinato do pai pelos filhos e deificação deste a posteriori. O assassinato do pai (ligado ao advento da idéia de Deus do Antigo Testamento) gerou sentimento de culpa e criou o princípio de moralidade e legalidade. Posteriormente, teria havido uma identificação do filho com o pai para a manutenção da ordem hierárquica necessária para o suporte da civilização. Eis que surge o “Mal-estar da civilização” (Freud), em que a perpetuação do sentimento de culpa para as gerações subseqüentes dá-se por causa de uma agressão não-cometida. Assim o filho perpetua a ordem, internalizando-a: “a dominação ultrapassou a esfera das relações pessoais e criou as instituições para a satisfação ordeira das necessidades humanas, numa escala crescente” (p.82).

Sobre a dialética entre prazer e trabalho, Marcuse argumenta que este nunca é libidinal, pois a dimensão erótica só se acha no trabalho artístico. Também mostra-se pessimista diante das revoluções políticas: “todas as revoluções foram revoluções traídas” (p.92), uma vez que historicamente tenderam a reforçar o controle social. Porém, não deixa de enxergar um potencial libertador na tecnologia: “a racionalização e mecanização do trabalho tendem a reduzir o quantum de energia instintiva canalizada para a labuta, assim libertando energia para a consecução de objetivos fixados pelo livre jogo das faculdades individuais” (p.94). A exigência de produtividade dentro da sociedade industrial é que é instrumento coercitivo da libido. Na sociedade industrial, a liberação sexual parcial não produz liberação geral de libido. Cita um exemplo da celebração do amor infeliz: “Tristão e Isolda”, como arquétipo de relação amorosa e sucesso do Romantismo mórbido. Discorre sobre o declínio da função social da família, uma vez que a organização repressiva das pulsões é extra-familiar, e sobre a despersonalização do superego com a burocratização do trabalho e das relações de poder. Outros temas que aborda: 1) A armadilha da mecanização e padronização: “em troca dos artigos que enriquecem a vida deles, os indivíduos vendem não só seu trabalho livre, mas seu tempo livre”(p.99). 2) O aprisionamento dentro da sociedade de consumo as impede de se libertarem do trabalho. Vê também regressões sadomasoquistas nas atividades socialmente úteis nos campos de concentração, guerras coloniais

e expedições punitivas. Faz a ligação entre o PD com o conceito de razão dentro da tradição filosófica do Ocidente (remissão ao logos de Aristóteles): razão é uma forma de dominar e mecanizar a realidade. Também faz uma crítica a Freud: este não faz a distinção entre PD e PP, generalizando a estrutura psíquica em diferentes momentos históricos e diferentes sociedades. Segundo Marcuse, a possibilidade de um PR não repressivo implica uma crítica ao PR estabelecido em nome do PP.

Marcuse vê nos arquétipos meios de execução das fantasias, modos de ligação entre inconsciente e consciente. Também a imaginação é meio de conexão entre pulsões sexuais e fantasia. “A fantasia (...) nasce e é abandonada pela organização do ego do prazer no ego da realidade” (p.133). Atesta a importância do *Principium individuationis*: ego e PD se formam a partir dos instintos primários. Assim há um conflito constitutivo no indivíduo a partir da imaginação e mente racional: “a imaginação sustenta a reivindicação de um indivíduo total, em união com o gênero e com o passado arcaico” (p.134). De modo que a superação deste antagonismo dentro do indivíduo dá-se com a reconciliação com o todo, da felicidade com a razão, sendo que a arte desempenha aqui um papel fundamental.

Marcuse vê na arte o “Retorno do Reprimido”: “a imaginação artística modela a memória inconsciente de libertação que fracassou, de promessa traída” (p.135) e “desde o despertar da consciência de liberdade, não existe uma só obra de arte autêntica que não revele o conteúdo arquetípico: a negação da não-liberdade” (idem). Faz uma crítica à Estética: “a própria vinculação da arte à forma vicia a negação da não-liberdade em arte” (idem), e a Aristóteles, na medida em que este concebe a arte como catarse, que opõe e reconcilia, recorda o reprimido e o reprime de novo, já purificado – sendo que o indivíduo desfruta para esquecer. Faz uma defesa do surrealismo e da “arte livre”: “a arte somente sobrevive na medida em que se anula, na medida em que poupa sua substância mediante a negação de sua forma tradicional e, assim, se negando à reconciliação; quer dizer, na medida em que se torna surrealista e atonal” (p.136) (referência Adorno, “Philosophie der neuen Musik”).

Para ele, a tensão entre fantasia e sexualidade normal gera afinidade entre fantasia e perversões. Mas a fantasia tem o potencial de superar a perversão: “contudo o elemento erótico na fantasia ultrapassa as meras expressões pervertidas. Visa a uma realidade erótica em que as pulsões vitais acabem descansando na gratificação sem repressão” (idem). Valoriza a fantasia e a imaginação, a partir de uma leitura de Jung, em que a fantasia é ponte entre exigências do sujeito e do objeto, da extroversão e introversão. Refere-se a um passado aborígine e fantasias ainda irrealizáveis, mas realizáveis. De novo faz um elogio do surrealismo, pois este ultrapassa a psicanálise, indo além das descobertas libertadoras que esta fez (surrealistas põem em prática o que Freud teorizou). Cita Breton: “não pode ser o sonho aplicado à solução dos problemas fundamentais da vida?” (p.139).

O protesto contra a repressão desnecessária, por um “viver sem angústia” (Adorno), que só se reproduz na arte e não na Filosofia ou Teoria Política, denomina “Grande Recusa”. Relaciona a Grande Recusa diante da Civilização: “a negação do PD emerge não contra, mas **com** o progresso da racionalidade consciente; pressupõe a mais alta maturidade da civilização” (idem). Baudelaire: “la vraie civilisation (...) est dans la diminution des traces du pêché original”. Propõe um novo conceito de progresso, além do PD (p.141-2), como também uma remodelação dos tópicos freudianos: enquanto Freud vê uma relação direta entre repressão instintiva, trabalho socialmente útil e civilização, e uma tensão inerente entre os Princípios do Prazer, Marcuse aposta numa libertação instintiva, acompanhada de trabalho socialmente útil, coexistindo com a civilização. Aposta na possibilidade de um PR não repressivo, reconciliado com o PP. A Anulação do PD viria na negação do lazer e da separação entre trabalho e tempo livre.

Aponta a razão como coação dos instintos e condenação da sexualidade. Discorre sobre mitos e arquétipos: Prometeu (ligado ao PD) e Pandora (feminino, sexual, PP). Orfeu e Narciso como reconciliação de Eros e Tânatos, uma vez que remetem a imagens de um mundo libertado. Vê em Orfeu um poeta libertador e criador, que reúne arte, liberdade e cultura.

Estas imagens dos mitos de Orfeu e Narciso destroem a “realidade” e negam o PD, assim como a oposição entre homem e natureza, sujeito e objeto, já que esses mitos postulam no ser o desejo de gratificação incessante. Assim, narcisismo primário é mais que autoerotismo, já que o narcisismo pode coexistir com o ego através daquilo que Freud chama de “sentimento oceânico” (p.153). Com isto defende um narcisismo que supõe uma relação fundamental com a realidade. Marcuse defende que as imagens órfico-narcísicas estão ligadas a “Grande Recusa”.

Defende uma “racionalidade libidinal”, isto é, a erotização da personalidade total e integração libido e cultura (surgimento de uma pulsão cultural), como também o conceito de Sublimação não-repressiva, em que “o instinto (pulsão) não é ‘desviado’ de sua finalidade; é gratificado em atividades e relações que não são sexuais no sentido de sexualidade genital ‘organizada’, mas que, não obstante, são libidinais e eróticas” (p.182). Assim como a negação de toda produtividade e desempenho através de uma sexualidade polimórfica narcisista reativada na produção cultural, uma vez abandonado o trabalho alienado em prol de um sujeito auto-realizado. “Sob tais condições, o impulso para obter prazer nas zonas do corpo poderá ampliar-se para buscar seu objeto em duradouras relações libidinais, cada vez mais numerosas, visto que essa expansão aumenta e intensifica a gratificação do instinto” (p.183). Enxerga uma forma de resolução do conflito “espírito” e corpo: “se a repressão antagonica da parte física da espiritual do organismo é, em si mesma, resultado histórico da repressão, a superação deste antagonismo ligaria a esfera espiritual ao impulso” (idem). O que resulta na sua defesa de “trabalho lúdico” que resolveria o conflito entre prazer e trabalho, associando o trabalho à idéia de jogo (Referência a Margareth Mead, “Sex and Temperament in 3 primitive societies”, aos arapexes). Futuro da civilização dependeria da resolução deste conflito, pois “a transformação da sexualidade em Eros e sua ampliação para duradouras relações libidinais de trabalho pressupõem aqui a reorganização racional de uma imensa engrenagem industrial, de uma divisão social do trabalho altamente especializada, o uso de energias fantásticamente duradouras e cooperação de vastas massas” (p.188).

Em “A Ideologia da Sociedade Industrial”, Marcuse se aprofunda mais nos dilemas das sociedades modernas, entre trabalho, alienação e realização humana. Para ele há algo de totalitário nessas sociedades, “uma coordenação técnico-econômica não-terrorista que opera através de uma manipulação das necessidades e interesses adquiridos” (Marcuse, 1973, p. 24). Apesar da aparência democrática, há no cerne das sociedades industriais um totalitarismo sistêmico, no qual um sistema de produção e destruição pode coexistir com um sistema partidário livre e com imprensa também livre. Há de se atentar que nossas necessidades são históricas e condicionadas pela História, daí a necessidade de uma verdadeira libertação. Ou seja, não se deve confundir liberdade econômica com liberdade perante a economia. Faz a distinção entre necessidades falsas e necessidades vitais: enquanto que as primeiras são impostas por interesses sociais, as segundas referem-se a alimentação, moradia, vestuário.

Marcuse aponta um caráter irracional da racionalidade da sociedade industrial (predomínio da racionalidade instrumental, Weber) com sua incessante busca por produtividade, eficiência e advento constante de falsas necessidades. “As criaturas se reconhecem em suas mercadorias, encontram sua alma em seu automóvel, som hi-fi, casas e utensílios de cozinha” (p. 29). Relaciona estas falsas necessidades ao controle social. O que leva a seu conceito de sociedade unidimensional, na qual a falsa consciência torna-se a verdadeira consciência. Também

a ideologia está presente no próprio processo de produção. Percebe o deslocamento de forma e função: produtos referem-se mais a estilos de vida, logo a necessidades artificiais engendradas na própria sociedade industrial de consumo.

Enxerga mudanças no mundo do trabalho: aumento do número de trabalhadores não-braçais (escritórios, setor terciário em geral), em que patrões e operários executam funções burocráticas na grande máquina corporativa: “o véu tecnológico esconde a reprodução da desigualdade e da escravização” (p.48). “Ao tender a espoliação a se tornar totalitária em virtude sua própria forma tecnológica, os próprios organizadores e administradores se tornam cada vez mais dependentes da maquinaria que eles organizam e administram...” (idem). “...e essa dependência mutua não é mais a relação dialética entre senhor e servo, já rompida na luta pelo reconhecimento mutuo, mas, antes, um círculo vicioso que inclui tanto o senhor como o servo” (p.49).

Marcuse elabora o conceito de “Dessublimação repressiva”: refutação da “cultura superior” (humanismo, romantismo) pela realidade. Assim, dá-se o fim do antagonismo entre cultura e realidade social: “essa liquidação da cultura bidimensional não ocorre por meio da negação e rejeição dos valores culturais, mas por sua incorporação total na ordem estabelecida, pela sua reprodução e exibição em escala maciça” (p.70)

A Contracultura é objeto de estudo de Theodore Roszak, que publicou uma obra homônima sobre o tema. Antes de tudo, Roszak vê na Contracultura uma revolta dos jovens e dos outsiders (artistas “marginais”, como os beatniks e hippies) contra a sociedade tecnocrática. Roszak define tecnocracia como a “forma social na qual uma sociedade industrial atinge o ápice de sua integração organizacional” (Roszak, 1972, p.19). Predomina, na sociedade tecnocrática, a “procura de eficiência, segurança social, coordenação em grande escala de homens e recursos, níveis cada vez maiores de opulência e manifestações crescentes de força humana coletiva” para “eliminar brechas e fissuras anacrônicas da sociedade industrial” (idem). Ainda: “Na tecnocracia, tudo deixou de ser pequeno, simples ou fácil de entender para o homem não-técnico. Pelo contrário, a escala de complexidade de todas as atividades humanas no campo político, econômico e cultural transcende a competência do cidadão amadorista e exige inexoravelmente a atenção de peritos possuidores de treinamento especial” (p.20).

Este novo quadro social produz mudança nos hábitos e valores na esfera privada, com novos comportamentos sexuais, educação infantil, recreação e saúde mental. Regime dos especialistas e invisibilidade da tecnocracia, dentro da lógica de planejamento social: “uma das características da te tecnocracia consiste em fazer-se ideologicamente invisível” (p.21). Tecnocracia surge, então, como “fenômeno transpolítico que obedece às diretrizes de eficiência industrial, de racionalidade e de necessidade” (idem), concomitante com a fêlência da política tradicional (democracia representativa, sindicatos, associações, etc.).

Cita Marcuse, no que o pensador alemão discorre sobre o “novo autoritarismo”: o poder absorvente da tecnocracia proporciona “satisfação de uma maneira que gera submissão e depaupera a racionalidade do protesto” (p.26). Também no conceito de “Dessublimação repressiva”, ilustrado pelo predomínio do erotismo “planejado”, “ao estilo da Revista Playboy” (idem), no qual o erotismo e o sexo estão associados a produtos de mercado de luxo, como barcos, whsikies, automóveis, etc. O que ajuda a compor um quadro de conformismo social e político, no qual trabalho alienante convive com uma vida sexual impessoalizada. Por outro lado, enxerga uma forma de contestação pelos jovens norte-americanos dos anos 1960, em sua inadaptação à sociedade burocratizada após a formação universitária.

Faz referência à crítica à sociedade industrial em Marcuse e Norman Brown (psicólogo norte-americano): “Tal como Marx, Marcuse e Brown se interessam pela dialética da libertação.

Tal como Marx, ainda, ambos procuram proporcionar ao conceito hegeliano de História uma base ‘material’ na qual repousar seu movimento dialético. Entretanto, não é o conflito marxista de classes (...) que responde às suas indagações; essas respostas são dadas pelo corpo humano, visto como eterno campo de batalha onde se trava a guerra dos instintos” (p. 102). Defende, também, uma libertação radical: “Aqueles que acreditam que a libertação do homem possa ser realizada através de um incisivo golpe revolucionário, pela simples substituição, de uma elite corrupta por uma elite bem-intencionada, estão cortejando aquele elemento de autoridade que Marcuse vê em todas as revoluções do passado” (idem).

Vê um ponto de convergência ente Marcuse e Brown, uma vez que ambos concordam que alienação é, antes de sociológica (Marx), psíquica. Aqui Roszak defende Marcuse: uma revolução em rumo a uma civilização não-repressiva exige uma liberdade libidinal desde o início. Ou seja, neste projeto utópico não poderia haver sacrifícios individuais em nome de projeto coletivo, em crítica aos projetos revolucionários leninistas, maoístas e mesmo guevaristas, em voga nos anos 60. Recusa o “Grande Amanhã” dos revolucionários, tal como é lida pelos revolucionários da Esquerda: “com muita frequência, Marx é veículo da inflexibilidade e da realpolitik do século XIX, misturada com a sinistra insesibilidade do darwinismo social e com um insolente ateísmo positivista” (p.109).

Discorre sobre Norman Brown e sua defesa de um “ego dionisíaco”, com a repressão no mundo tangível, do aqui e agora. “As raízes da repressão são e continuam a ser raízes reais; conseqüentemente, erradica-las continua a ser uma tarefa real e racional. O que deve ser abolido não é o princípio de realidade, não tudo, mas algumas coisas particulares, como negócios, política, exploração e pobreza” (p.123).

Faz menção à atração pelo misticismo pelos jovens. Nota uma “substituição da retórica clássica da tradição radical (Marx, Bakunin, Kropotkin, Lênin) por ‘bruxedos’ e ‘fórmulas cabalísticas’” (p.132). Sobre Allen Ginsberg: “seu protesto não emana de Marx, flui, ao contrário, para o radicalismo extático de Blake” (p.133). Para Ginsberg: “a poesia não clama por uma revolução, mas por um apocalipse” (idem). Ginsberg Flerta com as drogas e abandona os poemas concisos por formas poéticas mais espontâneas. Apropriação do misticismo, em Ginsberg, dá-se de maneira a procurar mais a imanência do que a transcendência; misticismo nem escapista, nem ascético. Trechos de poemas: “um êxtase do corpo e da terra que, de algum modo, abranja e transforme a própria mortalidade” (p.136), “porque o mundo é uma montanha de merda: se vamos movê-la é preciso que lhe metemos a mão” (idem).

Incorporação do Zen (“promover a desordem e o acaso” – p.142) na Contracultura também é notada., de modo que é feita uma leitura do Zen pelos jovens: “Talvez aquilo que os jovens tomaram como zen pouca relação tivesse com aquela veneranda e diáfana tradição; mas o que prontamente adotaram foi, sem dúvida alguma, uma rejeição mansa e jovial do materialismo e do compulsivamente cerebral. Foi o começo de uma cultura jovem que continua a ser estimulada com a ânsia espontânea de opor-se à ordem tristonha, voraz e egomáfica de nossa sociedade tecnológica” (p.142-3).

Mesmo assim, não deixa de ser um pouco crítico em relação a febre mística dos jovens contraculturais: “Ao nível de nossa juventude, a cultura ocidental começa a se assemelhar profundamente com o prostíbulo religioso do período helenístico, onde toda espécie de mistério e impostura, ritual e rito, misturavam-se com a espantosa indiscriminação” (p.147). “O que a contracultura nos oferece (...) é um extraordinário abandono da arraigada tradição de intelectualidade secular, cética, que constituiu durante trezentos anos o principal instrumento de trabalho científico e técnico do Ocidente. Quase de noite para o dia (e o que é espantoso, sem muita polêmica) uma parcela substancial da geração mais jovem que preferiu por de lado toda

essa tradição, como se a fim de prover um equilíbrio de emergência para as gritantes distorções de nossa sociedade tecnológica, muitas vezes por meio de aberrações esotéricas tão gritantes como aquela” (idem).

Cita, também, um poema de Ginsberg: “Guerra é linguagem/ linguagem abusada/ para Publicidade/ linguagem usada/ como magia para poder no planeta/ linguagem de Maria Negra/ fórmulas para a realidade”, “Comunismo é uma palavra de 9 letras/ usadas por magos inferiores/ com a fórmula usada para transmutar terra/ em ouro/ bruxos assustados trabalhando a olho/ terminologia futura de segunda mão” (“The Witchita Vortex Sutra” – p.149-50).

Roszak percebe a experiência psicodélica como “exploração política” da consciência e de “reformulação da personalidade” (p.162). Assim, em Aldous Huxley, Timothy Leary e Alan Watts as drogas psicodélicas são defendidas como forma de exploração da consciência. De modo que, para Tim Leary, a liberação da consciência (via experiência psicodélica) é mais importante que a luta política.

Timothy Leary relata em “Flashbacks” suas memórias sobre os anos 60. Conta como se aproximou das drogas psicodélicas no início dos anos 60, enquanto era professor do Departamento de Psicologia da Universidade de Harvard. Tudo teria tido início através de algumas viagens feitas ao México durante 1961 e 1963. Surge seu interesse pelas drogas usadas nas terapias de grupo: “restabelecer em termos psicológicos modernos, a visão platônica-pagã-gnóstica de um mundo interior contendo projetos que nos permitam entender, harmonizar e colaborar com as leis físicas do mundo exterior” (p.50).

Defende a “Política do Êxtase”: “os problemas políticos eram manifestações de problemas psicológicos que, no fundo, nos pareciam de natureza neurológica, hormonal e química. Se pudéssemos ajudar as pessoas a entrarem nos circuitos empáticos do cérebro, então mudanças sociais positivas poderiam ocorrer” (p.54). Como também a “Revolução Neurológica”. Abandona a imparcialidade científica em prol do ativismo social: “não seríamos mais psicólogos coletando dados. Iríamos criar dados” (idem). Para Leary, as experiências com drogas deveriam ser coletivas, e não individuais; parte do processo de terapia compartilhado com o terapeuta que ministra a droga e com outros “pacientes”.

Leary abandona Harvard e passa a viver numa mansão em Millbrook, Estado de Nova York, em estilo comunitário (onde experiências psicodélicas coletivas eram comuns), intercaladas por viagens à Índia. Prisão por porte de maconha e perseguição sofrida pelo FBI e pela DEA (Drug Enforcement Agency, órgão que cuida do combate às drogas), durante o governo Nixon (1968-74).

A partir daí cria seu lema: *ligue-se, sintonize-se, libere-se* (turn on, tune in, drop out): “Ligue-se significa voltar-se para dentro de si, para ativar o equipamento genético e neurológico, tornar-se sensível aos muitos e vários níveis de consciência e dos gatilhos específicos que os disparavam. As drogas eram um dos caminhos para alcançá-los. Sintonize-se significa interagir harmoniosamente com o mundo ao redor – externar, materializar, expressar suas novas perspectivas internas. Libere-se sugeria um processo ativo, seletivo e cheio de graça de desligamento dos compromissos involuntários ou inconscientes. Libere-se significava autoconfiança, a descoberta da singularidade de cada um, um compromisso com a mobilidade, a escolha e a mudança” (p.265). Cria polêmica com o líder da contracultura Abbie Hoffman: a “política do êxtase” é mais importante que a revolução socialista. É preso em 1970 e foge da cadeia com a ajuda do Weathermen Underground, minúsculo grupo de guerrilha americano. Exila-se na Argélia junto com Eldridge Cleaver, líder dos Panteras Negras. Encontra ex-ministros brasileiros, sem citar nomes (Darcy Ribeiro? Arraes?). Perambula pela Suíça e Afega nistão, onde é preso por autoridades locais e agentes americanos e deportado para os EUA para voltar a

cumprir pena por porte de maconha (20 anos de cadeia). É solto em 1976, após um arranjo entre autoridades do Estado da Califórnia e o FBI.

O fenômeno rock, indissociável da Contracultura, é objeto de estudo de Roberto Muggiati. Com o rock, uma juventude de classe-média adotou o som e o visual de negros (o blues) e dos brancos pobres do interior (country music). Cita Bob Dylan como figura emblemática desta geração, o desajustado: “Esqueça os heróis de Hollywood, eles serão mortos pelos índios” (Muggiati, 1983, p.16). “Olhei em volta de mim e vi todo mundo apontando o dedo para a Bomba. Mas o que existe de errado vai muito mais fundo do que a Bomba. O errado é que poucas pessoas são livres. E a maioria fica apegada a coisas que a impedem de falar, por isso as pessoas só fazem acrescentar à sua confusão à paranóia geral” (p.19-20).

Muggiati faz menção ao “universo unidimensional” de Marcuse, ao qual se oporiam os hippies e freaks da Califórnia. Cita a letra de “The Monster” do grupo Steppenwolf: “campos de concentração de luxo das sociedades modernas de consumo”. Defende o porquê do termo “Contracultura” e não “sub-cultura”: o objetivo seria fundir a política radical com a “política do êxtase” (Leary). Por seu lado, a cultura rock agiria como veículo dessas idéias, nas letras de seus artistas e postas em prática nos festivais.

Analisa o mimetismo cultural dos brancos norte-americanos pela música dos negros, em que a música negra é vista, pelos brancos, como mais “autêntica”, sincera e humana. Como também o fenômeno Elvis Presley: sobre o galã branco com trejeitos de negro que conquistou multidões via rádio e TV. Também a explosão do rock’n’roll nos anos 50 estaria associada a uma nova temática das canções dos adolescentes urbanos, em que o rock se desenvolve como música dos jovens brancos para os jovens brancos (Beatles, Rolling Stones, The Who).

Por outro lado, o rock deve ser visto também como a aplicação das tecnologias do século XX sobre formas musicais de raízes proletárias, dentro do processo global de comunicação. Comunhão de experiências sociais mais intensas, de modo não-literário. Com o aparato tecnológico (estúdios, gravadoras, discos LP) a música pode preencher todas as esferas da vida privada, o som que preenche todos os vazios da multidão solitária (“aquário sonoro”, p.55). Assim como o advento do LP, maior que o compacto de sucessos, possibilitou aos artistas conceber o disco junto com um conceito por trás dele, o que tornou-se comum após o lançamento de “Sargent Pepper”, dos Beatles, em 1967. No entanto, o rock dos anos 60 esteve ligado ao surgimento de uma mídia própria, com publicações e até mesmo selos fonográficos.

Enxerga no rock uma recuperação de uma cultura dionisíaca: “Na transição de Elvis para os Beatles, o rock não perdeu apenas seus decibéis, perdeu seu sentido original de dança” (p.90). Cita Salvador Dalí: “Amo o rock’n’roll como amo tudo que é violento, dionisíaco e afrodisíaco” (idem). De modo que a cisão de Apolo e Dionísio no mundo do rock dá-se entre o grito africano (blues), elemento dionisíaco, e a tradição musical europeia, elemento apolíneo. Outra citação, de Eldrige Cleaver, líder dos Panteras Negras, sobre o rock: “Míssil teleguiado lançado do gueto para os subúrbios. Deu aos brancos a possibilidade de clamar de volte seus corpos, depois de gerações de existência alienada e incorpórea” (p.91). Ainda: “ofereceram como dádiva o corpo do negro e, ao fazerem isso, estabeleceram uma comunicação rítmica entre o ouvinte e sua própria mente e corpo” (idem). Discorre sobre a música dançante para a música mais cerebral, psicodélica, em que ocorre a junção entre os elementos apolíneos e dionisíacos: “o rock não é apenas dionisíaco, mas, assim como a tragédia grega e o blues, está ancorado no equilíbrio natural entre dionisíaco e apolíneo” (idem). A sensualidade no rock está nos trejeitos de Elvis e nas vertentes andróginas (seja no glam rock ou nos “Secos e Molhados”). Muggiati vê mesmo na difusão dos cabelos compridos pelos rockeiros um exemplo desta androginia. Já a difusão do LSD proporciona novas experiências sensoriais, pois seu consumo corta a censura no cérebro,

reorganizando os estímulos sensoriais. Também no rock ocorre a junção entre palavra e música, mas esta pode ser apreciada independentemente dos versos. “O rock também é o cancionero trovadoresco da sociedade tecnocrática”, na qual a “dimensão político-épica do homem se confunde com sua aventura existencial” (p.105).

No Brasil, o Tropicalismo incorporou sons e temáticas da Contracultura, como atesta Heloísa Buarque de Hollanda em “Impressões de Viagem”. Hollanda nota o namoro que houve dos tropicalistas com a Indústria Cultural, ou seja, como os tropicalistas utilizaram-se dos discos, do rádio e da nascente TV. Em uma crítica à canção de protesto politizada que cortejava a Revolução Cubana e ação imediata contra o Governo Militar, criticaram a idéia de tomada de poder, assim como a idéia de “futuro redentor” somente possível após a revolução socialista. Para eles, a revolução deveria começar no corpo, como subversão de valores. Zé Celso Martinez: “estávamos no Eros e na esquerda”.

Cita um trabalho de Gilberto Velho sobre o consumo de drogas “desbundado” por intelectuais: drogas como liberação do corpo, antes de política. A identificação passa a na se dar mais com o povo ou figuras revolucionárias, mas com minorias e outsiders. Hélio Oiticica e seu “Seja marginal, seja herói!” entra em voga, ilustrando o namoro dos artistas com elementos marginais na sociedade e cultura. A loucura também é tematizada, seja na poesia de Torquato Neto, como na música dos Mutantes (“Balada do Louco”). Na poesia, a tradição clássica foi abandonada em prol da fragmentação das imagens e a recusa da alegoria. Dentro desta cultura surge a poesia de mimeógrafo, na qual a poesia passa a tematizar o presente e o cotidiano, em uma fusão entre arte e vida.

Em “Utopia Fragmentada – as novas esquerdas no Brasil e no mundo nos anos 70”, Maria Paula Araújo discorre sobre as mutações que aconteceram nas correntes de esquerda dos anos 60 para os anos 70, de como uma idéia de revolução do cotidiano passou a ganhar mais importância que uma revolução política. A partir daí surge a crítica ao marxismo oficial e as diretrizes do Partido Comunista Brasileiro. Tenta-se incorporar um novo conceito de política, com a crítica à idéia de representação (isto é, o partido como única forma de representação das demandas revolucionárias). Por isto deve se entender a valorização do cotidiano: dialogar com as lutas dos movimentos das minorias (negros, mulheres, minorias) e também com a crítica ao capitalismo feita por Marx, a partir desta nova ótica.

Dedica espaço a Nova Esquerda, surgida nos anos 60, marcada pelo rompimento de jovens universitários com os partidos comunistas no Brasil e no mundo. Cita o exemplo de Pierre Goldman, judeu francês e filho de poloneses, que participou do Maio de 68, de guerrilhas na América Latina e de movimentos pró-imigrantes na França. Cita também o fascínio pela violência revolucionária: luta armada como violência justa, do colonizado contra o colonizador, e ato construtor de identidade. Nexo entre violência da ação, democracia direta, culto ao comunismo de conselhos e valorização do indivíduo e do cotidiano.

Maria Paula também faz um inventário de uma imprensa alternativa que pôs na agenda do debate estas questões. E não deixa de citar publicações contraculturais, tais como “Flor do Mal”, “Biscoito Fino”, “Almanaque Biotônico Vitalidade”. Sobre a filiação ideológica dos movimentos contestadores contraculturais em Marcuse de “Eros e Civilização”. O que dá suporte para a revolta de jovens contra o estilo de vida conservador e repressivo da geração anterior.

Em “Retrato de Época”, Carlos Alberto Messeder Pereira traça um quadro da poesia marginal, relacionando-a com o ambiente cultural do início dos anos 70. Nota nos intelectuais um abandono das grandes questões que mobilizaram os anos 60, em prol da já aludida politização do cotidiano. Dá-se, então, uma reorientação da crítica social: “Algumas certezas fundamentais

apoiadas no discurso crítico tradicional de Esquerda cedem lugar às incertezas do ‘desbunde’” (Pereira, 1981, p.33).

Importante é o perfil que traça dos poetas marginais: egressos da classe média, cursaram universidade (públicas ou PUCs) nos anos 60 e 70, professores universitários (da área de humanas, quase sempre), profissionais do mercado editorial, jornalistas, músicos, cineastas. No Rio de Janeiro, quase todos são da Zona Sul.

Nota a interação entre música popular e poesia: “os shows de música eram uma importante ocasião de reunião de um público jovem e tinham um caráter fortemente ritualizado assumido, área de verdadeiros happenings(...). É importante salientar que(...) a música se tornava item fundamental na parte de consumo de boa parte da juventude das camadas médias das áreas urbanas. A música veiculava não apenas informação estritamente musical mas também poética e comportamental, e tudo isso, de modo especialmente integrado. O consumo de música era tão vital neste momento quanto o fora o dos suplementos literários e da literatura em geral no fim dos anos 50 e início dos anos 60”(p.39). Assim, também a forma de divulgação da poesia marginal se fazia ao longe do mercado editorial, de maneira mais espontânea no local de reunião de jovens.

Estabelece a relação irônica da Poesia Marginal com o progresso: “Enquanto que o movimento que se inicia nos anos 50 é marcado por um projeto de desenvolvimento calcado sobre a modernização tecnológica capaz de aglutinar os mais diversos grupos sociais e que se expressa na ideologia desenvolvimentista, os anos 70, depois das profundas mudanças ocorridas na década de 60, vão se caracterizar por uma crise da Modernidade. A técnica(...) transforma-se num vigoroso instrumento de repressão e dominação, enquanto parte de um projeto de desenvolvimento de tipo fortemente excludente e concentrador, num contexto de grande autoritarismo político. A racionalidade tecnológica se transforma, nesta seqüência de mudanças sociais profundas em racionalidade tecnocrática. Não apenas é rompido o pacto populista entre a Esquerda e a burguesia, como a própria possibilidade de crença num pacto deste tipo é profundamente abalada. Desenvolve-se uma representação da modernização como um processo fundamentalmente contraditório” (p.78-9).

Defende que houve incorporação da Contracultura e não mera importação. “Devido à existência de condições internas que favoreciam não somente sua difusão, mas o próprio surgimento ‘nativo’ destas idéias – isto se pensarmos em termos do avançado grau de industrialização dos principais centros urbanos, de seus estilos de vida, da trajetória de inserção social das camadas jovens dos grupos dominantes” (p.86).

“Me Segura Qu’eu Vou Dar um Troço”, de Waly Salomão é uma obra emblemática da época, trazendo uma estética poética fragmentária e contracultural. Convém, então, citar alguns trechos da obra, para ilustrar nossa análise.

“Período de esclarecimento: com a luta de classes decidida a favor da sociedade existente, a gue rra organiza-se contra os que excedem.

Período de esclarecimento: a exceção precisa da regra anterior.

Período de esclarecimento: a exceção não é nova – a exceção é hermafrodita – a exceção quer ser diferente/melhor/comum/pior” (Salomão, 2003, p.33)

“Estamos na ruína. Somos uns malditos para nossos irmãos e para o povo da América. Horas amargas estão reservadas para nosso país. Dias sombrios aguardam a América Latina. É preciso bater forte, constantemente, no lugar onde dói este crime vergonhoso, hoje, nos deixa com vergonha” (p.95).

“EQUILIBRADO E RADICAL. Yng e Yang. Prosseguir. Conservadorismo que abomina Nelson Rodrigues e preserva a mesma face perversa: Néilson Rodrigues pelo menos é cínico e fantástico, fascinistro. Idem com killing em nome de coisas reacionárias: rio pornográfica. O

fascismo está além mais próximo e aquém, num rio sem margens, num rio de cagaço. Não tenho a virtude mesquinha de acreditar nas torturas sofridas por um velho comunista de 70 anos que leva a sério um sonho frustrado de tomada de poder. Não tenho a virtude mesquinha de acreditar nas torturas: os gênios se castram entre si. Velho comunista e mentiroso. Nada de novo pode surgir daí. E se por um texto bastante ambíguo eu for chamado a depor?” (p.105-6). Neste trecho notamos referências ao misticismo oriental, crítica ao conservadorismo da sociedade brasileira e também ao comunismo oficial, como também o clima de paranóia que se vivia, no auge do AI5, com perseguições a artistas e intelectuais.

“Criar não se prendendo às coisas existentes aqui no Brasil – linguagem do fazer nacional – mas remetendo cartas internacionais. From Brazil. Levar adiante tudo que resultou em mim. Morte às linguagens existentes. Morte às linguagens exigentes. Experimente livremente estratégia da vida: mobilidade no eixo Rio São Paulo Bahia. Viagens dentro e fora da BR. Deixa de confundir minha vida com fim do mundo” (p.106). Aqui notamos referência à disponibilidade ao diálogo com a Contracultura norte-americana e uma negação ao nacionalismo cultural, caro a setores de esquerda. Também há uma auto-afirmação tropicalista, ao por a Bahia dentro do eixo principal do Brasil. Mais uma afirmação do internacionalismo: “Construir the english-portuguese dictionary: brain wash and know how” (p.136).

“Efêmero, um personagem de olhos abertos e olhando os dentes o tempo inteiro. Efêmero, um personagem friccionando os músculos com energia. Efêmero: não se sente estrangulado. Efêmero: o que não se sente reduzido unicamente à poesia. Efêmero: o que não pensa ‘se as coisas não se organizam diferente, eu me campo’. Efêmero: nunca escarnecido pelos jovens nas calçadas” (p.149). Aqui notamos a urgência e a necessidade de fundir arte e vida. Também expressa em “a arte é extensão do corpo” (p.140). Necessidade de urgência: “Terapia ocupacional preventiva: tenho de me exprimir de qualquer forma se não fico louco” (p.149)

Bibliografia:

ARAÚJO, Maria Paula N., *A Utopia Fragmentada – as novas esquerdas no Brasil e no mundo nos anos 70*, Rio de Janeiro, FGV, 1999.

HOLLANDA, Heloísa Buarque, *Impressões de Viagem – CPC, vanguarda e desbunde*, Rio de Janeiro, Aeroplano, 2005, 5ª. Ed.

LEARY, Tomothy, *Flashbacks – LSD: a experiência que abalou o sistema*, Brasiliense, São Paulo, 1989.

MARCUSE, Herbert, *Eros e Civilização, uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1978.

_____, *A Ideologia da Sociedade Industrial*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1973.

MUGGIATI, Roberto. *Rock, o grito e o mito*. Petrópolis, Vozes, 1983 Aeroplano, 2003.

Departamento de Sociologia e Política

PEREIRA, Carlos Albero Messeder. Retrato de Época: Poesia Marginal nos anos 70, Rio de Janeiro, Funarte, 1981.

ROSZAK, Theodore. A Contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil, Petrópolis, Vozes, 1972.

SALOMÃO, Waly. Me segura qu'eu vou dar um troço. Rio de Janeiro,